

NUNO GRANDE

Instituto de Ciências Biomédicas de Abel
Salazar da Universidade do Porto

A INVESTIGAÇÃO EM SAÚDE E MEDICINA

75

A investigação em Medicina e Saúde tem-se realizado no nosso País, sem qualquer orientação ou coordenação de modo que raras vezes tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida dos Portugueses. Para futuro, as modificações que se prevê possam resultar do envelhecimento da população, da problemática ecológica e do controlo e correcção da patologia genética vão alargar ainda mais o campo e as necessidades de investigação. Torna-se imperioso, por isso, definir prioridades que estejam de acordo com o grau de desenvolvimento técnico e económico do nosso País e estabelecer políticas de investigação que permitam o aproveitamento das nossas potencialidades e se inscrevam num quadro de preocupações que tenham a ver com a nossa identidade colectiva.

A Investigação ainda não existe em Portugal como profissão estruturada, apesar de, especialmente nos últimos anos, os responsáveis pela Administração Pública e pela Gestão de Organismos Privados afirmarem repetidamente que a Modernização e o Desenvolvimento do País dependem daquela actividade da inteligência.

Penso que a margem de risco que caracteriza a investigação, a desvaloriza na elaboração dos planos e dos orçamentos que assumem o poder político e económico num Povo que aspira, tradicionalmente, à *estabilidade a qualquer preço, desconfia culturalmente da inovação e apenas exige rigor, na actividade dos outros*. Ora, a investigação caracteriza-se pela mudança, pela transformação e pelo cientifismo e propõe, para investimentos de grande vulto, o aleatório dos resultados, que não se compadecem com os prazos pré-estabelecidos.

Resulta deste facto que não se pode falar de uma História da Investigação Científica em Portugal, embora tenha havido alguns exemplos demonstrativos da capacidade criadora do nosso Povo, em vários períodos da vida da Nação.

Raros têm sido os momentos em que se identifica um projecto nacional, mobilizador dos recursos humanos de um Povo, que deles deu já testemunho, na ultrapassagem das limitações geoestratégicas a que está sujeito. Penso assim

**A investiga-
ção em Por-
tugal**

que, neste como noutros sectores da actividade, a indefinição dos grandes objectivos nacionais impede o aproveitamento efectivo das nossas capacidades, o que, só por si, é um factor de pobreza e de dependência. Esta circunstância justifica a necessidade de escolhermos o sistema que identifique e descubra os indivíduos e os grupos portadores de potencialidades transformadoras, tanto mais que a integração de Portugal no Espaço Económico Europeu representa uma força imperativa de mudança. Nesta perspectiva, o papel da Política da Investigação Científica, concertada com a necessidade de Política de correcção dos atrasos e assimetrias que nos caracterizam, é óbvio e começou a impor-se nos últimos tempos aos governantes portugueses. Progressivamente, embora com uma timidez que traduz a debilidade do sector nos arranjos governamentais, foram formulados alguns princípios orientadores:

— *Dotação do sector da Investigação de verbas significativamente maiores.*

— *Admissão de jovens investigadores para os Laboratórios do Estado e aumento do número de bolsas no Estrangeiro e no País.*

— *Aumento dos contactos dos investigadores nacionais entre si e com estrangeiros, criando-se a figura de «Investigador Visitante».*

— *Criação de um Conselho Superior de Ciência e Tecnologia, com o objectivo de definir os princípios do desenvolvimento da Investigação articulando-se com as Políticas Sectoriais.*

É evidente que os recursos financeiros dão ideia concreta do esforço feito pela Secretaria de Estado de Investigação Científica que atribui, por exemplo ao orçamento de investimento da JNICT, 2 340 000 contos em 1987, quando em 1985 era apenas de 100 000 contos e em 1986 930 000 contos tornando-o assim a principal agência financiadora de Investigação e Desenvolvimento, como o afirma o actual Presidente, Prof. Mariano Gago.

Foi lançado, no corrente ano, pela primeira vez, um programa mobilizador em Ciência e Tecnologia, em que se procurará mobilizar recursos humanos, institucionais, financeiros e materiais de modo coordenado, nas áreas da biotecnologia; ciências dos materiais; micro-electrónica, robótica e informática; ciências do mar.

Investigação em medicina e saúde em Portugal

No interior destas áreas, o Sector da Saúde está subsidiado por uma dotação que, claramente, traduz a importância que lhe tem sido atribuída. De facto, nos dados fornecidos pela JNICT em Outubro de 1986, e referidos aos anos de

1982-1984 verifica-se que, na Repartição da Despesa Total Nacional em Investigação e Desenvolvimento, a Saúde Humana teve um decréscimo relativo de 13,5% (1982) para 11,7% (1984), embora em valor absoluto, e em milhares de contos, tivesse passado de 608,7 para 927,6.

Acresce que a *Investigação em Medicina e Saúde* se realiza, no nosso País, sem qualquer orientação ou coordenação de modo que raras vezes tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida dos Portugueses.

Essa pesquisa é praticada nas *Escolas de Medicina*, nos *Institutos de Oncologia*, na *Escola Nacional de Saúde Pública*, no *Instituto Ricardo Jorge*, nos *Hospitais Centrais*, no *Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, nos *Institutos de Clínica Geral*, e nas *Escolas Pós-Básicas de Enfermagem*.

77

Investigação em Medicina — A pesquisa em Medicina é fundamentalmente realizada nos Centros e Institutos de Ciências Básicas, sendo nas restantes estruturas, habitualmente feito o estudo epidemiológico da incidência e da prevalência das patologias que caracterizam as diversas morbidades, ou o estudo analógico de técnicas utilizadas no diagnóstico e na terapêutica de grupos de doentes, — estudos esses, muitas vezes, com vícios na organização dos protocolos que não legitimam as conclusões expressas nas respectivas publicações.

É normalmente realizada nas Escolas de Medicina e nos Hospitais Centrais que as apoiam, como suporte da Carreira Universitária e, na grande maioria dos casos, apenas condicionada à promoção académica. Por isso, a produção é irregular e a qualidade discutível, sendo programada, executada e gerida pelos professores, que acumulam aquelas tarefas com a docência, a administração dos Serviços, dos Centros ou das Escolas e ainda com actividades extra-universitárias.

Grande parte dessa Investigação é feita em 23 Centros do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), distribuídos pelas 3 Faculdades de Medicina, e pela Faculdade de Ciências Médicas. Só o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar não tem qualquer Centro, realizando-se a investigação por projectos multi-sectoriais.

Se tomarmos como critério o grau de exigência editorial das revistas que publicam os resultados, concluímos que a investigação fundamental é muito mais creditada que a investigação clínica. De facto, com alguma frequência, trabalhos de Morfologia, Bioquímica, Biofísica, Biologia Molecular, Fisiologia, Patologia, Imunologia, Genética, Farmacologia, nos seus aspectos de biologia médica, aparecem nessas revistas, subscritos por grupos portugueses universitários, realizados

nos sectores das ciências básicas. No meu ponto de vista, é indispensável repensar a metodologia científica na pesquisa realizada nas Ciências Clínicas, pois há uma tradição de investigação médica aplicada à clínica em Portugal, que nos projectou na história da ciência mundial. Na realidade, a Escola Angiológica Portuguesa contribui para a descoberta de um método diagnóstico — a *angiografia* — que mobilizou a inteligência, a criatividade e a eficácia de grupos de investigação de Lisboa e do Porto.

Este método abriu perspectivas de acção médica na década de quarenta que ainda se mantêm actualizadas.

Um outro exemplo de investigação aplicada, tendo como ponto de partida conhecimentos básicos limitados, parcelares e de difícil comparação, permitiu ao grupo de neurologia que tinha contribuído para a angiografia, propor um campo novo de acção e pesquisa, a *psicocirurgia*, que teve na *leucotomia pré-frontal*, a expressão mais difundida. A consagração pelo Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia, mostrou que o programa de investigação que o Prof. Egas Moniz e os seus contemporâneos elaboraram, foi pertinente, ainda que realizado com meios pouco sofisticados, mesmo para o tempo histórico em que apareceu.

Ainda é importante referir que um projecto de investigação aplicada à clínica, permitiu a um grupo a trabalhar num Hospital não Universitário — o Hospital Geral de Santo António — isolar uma entidade patológica nova — a *Paramiloidose familiar portuguesa ou doença de Corino de Andrade*. A partir desta identificação, foi possível programar um projecto de investigação médica básica e um projecto de investigação de Saúde Pública. Todo este programa está a realizar-se, sistematicamente, sob a orientação e a coordenação do Prof. Corino de Andrade, e em colaboração com vários grupos internacionais.

É por isso que afirmo ser possível realizar, em Portugal, Investigação Médica realista e útil, não só para nós, como para a ciência médica mundial. Precisamos de nos autonomizar intelectualmente, definir as áreas que havemos de privilegiar e mobilizar de modo integrado e racional os recursos humanos, financeiros e instrumentais. Nessa definição, a mobilidade interdisciplinar, intersectorial e interuniversitária, é condição indispensável para que haja sucesso significativo, quer para a ciência médica quer para o Povo Português, que é de facto, quem paga a investigação.

Pesquisa em Saúde — Nesta área de investigação médica, tem sido feito grande esforço para definir prioridades que

contribuam para a melhoria do bem estar físico e mental da população, nos diversos aspectos da actividade social.

Os Sectores de Saúde Comunitária das Escolas de Medicina, ainda com pouca tradição de actividade extra-claustral, tem feito alguma pesquisa na área da sua vocação, no âmbito de uma nova atitude que a Universidade hoje assumiu abrindo diálogo com as estruturas sociais.

De igual maneira, as ciências de comportamento, a psicologia médica e a psiquiatria, é neste campo que assentam a investigação que vêm realizando. A definição dos valores de relação humana e de adaptação às novas circunstâncias da vida, definem os grandes vectores que, em Saúde, aquelas ciências estão a desenvolver.

Mas, não é a Universidade que realiza maior actividade científica em Saúde; na verdade, a Escola Nacional de Saúde Pública e o Instituto Ricardo Jorge têm uma larga tradição neste tipo de investigação. Áreas como a Nutrição, a Saúde escolar, a Saúde Ocupacional, a Saúde Pública, a Gestão e Administração dos Serviços, são exemplos da pesquisa aplicada à Saúde. Todavia, dada a circunstância de procurar dar resposta aos problemas existentes na área governamental de que dependem, as duas instituições não têm conseguido ultrapassar a dimensão nacional, embora, pontualmente, tenham conseguido projectar algumas das respectivas actividades. Assim, é que, o Sector de Parasitologia do Instituto Ricardo Jorge, do Porto, tem um projecto sobre a Imunologia da Schistosomíase com o grupo europeu dirigido pelo Prof. André Capron dado que a investigadora portuguesa Dra. Maria de Lourdes Silva conseguiu um método original para a produção de antígenos capazes de serem utilizados na produção de anticorpos monoclonais. Tal facto representa um dos maiores avanços no estudo daquela doença e abre maiores perspectivas na respectiva profilaxia e no tratamento e pesquisa das doenças parasitárias, em geral.

De resto, este exemplo, dá-nos a medida da capacidade e do interesse da investigação a manter e a desenvolver nas áreas da Higiene e Medicina Tropical, onde acumulámos informação que não podemos desperdiçar, e na qual estão interessados os Países Africanos e o Brasil, mas também os Países Europeus que tiveram influência na colonização.

A metodologia científica que tem sido utilizada neste tipo de investigação combina a pesquisa fundamental com a aplicada, ou melhor, aplica imediatamente à Saúde Pública e à Medicina Clínica, os resultados da pesquisa fundamental. Estudos Ecológicos e dos Sistemas Biológicos, fundamentam a Epidemiologia, a Investigação Operacional e a Biologia Médica, que projectam programas mobilizadores de grandes

recursos humanos pluridisciplinares. Esta metodologia tem que ser utilizada na investigação feita em conjunto pelos Institutos de Clínica Geral e os respectivos Centros de Saúde, assim como das Escolas Pós-Básicas de Enfermagem. Uma nova área de investigação médica se iniciou com os cuidados da Saúde Primários. Tem já recursos humanos que procuram adquirir a preparação metodológica e os recursos financeiros e estruturais que ainda não existem.

É evidente que a dispersão de esforços que se realizam neste campo torna urgente que se organize uma estrutura coordenadora e definidora de programas. Na estrutura da JNICT existe uma Comissão Coordenadora de Investigação para a Saúde, assessorando o respectivo Presidente. No INIC, um Conselho Científico das Ciências da Saúde, aconselha o Presidente, o Vice-Presidente e a Comissão Executiva para definição das orientações daquele Instituto; as estruturas escolares têm Conselhos Científicos que, em teoria, definem e aprovam os projectos de investigação, enquanto que as Direcções Clínicas orientam as prioridades dos Hospitais.

Acresce que a programação do respectivo sector governamental que deve referenciar as grandes linhas de investigação é definida pelo respectivo Gabinete de Estudos e Planeamento, ao mesmo tempo que a Fundação Calouste Gulbenkian tem critérios próprios na distribuição das verbas de apoio à investigação médica.

Deste modo, entende-se a desconexão dos sectores e dos grupos comprometidos nesta actividade. É preciso referenciar as linhas tendenciais que se podem prever na evolução da área da Saúde em Portugal e na Europa, de modo a projectar, coordenadamente, as prioridades que havemos de seguir, pelo que se torna urgente criar uma estrutura onde convirjam as já existentes.

Investigação em medicina e saúde no futuro

Os factores que irão influenciar as grandes modificações do perfil sanitário na Europa, e consequentemente, em Portugal, são: *o crescimento demográfico e o envelhecimento populacional, a problemática ecológica; controle e correcção da patologia genética.*

A Gerontologia, a Medicina dos Transplantes Orgânicos, das Próteses, da Reabilitação, a Medicina Física e Nuclear, a Medicina Predictiva, são exemplos das diversas áreas tendenciais do Futuro deste sector.

Penso que, novos instrumentos, como a Computação, a Informática e a Electrónica, ao lado do desenvolvimento da Óptica, do Electromagnetismo, da Física dos Flúidos, da Química das Macromoléculas e das Substâncias Naturais, da

Biologia Molecular e da Bioquímica, fundamentarão os projectos de pesquisa no próximo decénio em Medicina e Saúde.

A procura de Serviços irá aumentar, o que dará à *Pesquisa em Serviços de Saúde* uma importância considerável, de modo a descobrir formas de rentabilizar os recursos em face das necessidades.

O envelhecimento da população europeia é um fenómeno irreversível, que levanta problemas sociais de vários tipos. No ponto de vista médico-sanitário, o esforço em aprofundar os nossos conhecimentos no fenómeno do envelhecimento, tenderá a tornar-se uma preocupação dos centros de investigação europeus.

Mas, impõe também que se investiguem os mecanismos das doenças debilitantes e deformantes congénitas e hereditárias, para que melhor se controlem os seus efeitos. Na realidade, a sobrecarga para a sociedade do futuro que representa a manutenção dos diversos tipos de deficientes, tornará fundamental programar o respectivo diagnóstico precoce, definição da etiopatogenia dos quadros clínicos, da história natural de cada grupo de doentes e procurar medidas de recuperação e integração social.

A grande mobilidade das populações do futuro, consequente à heterogeneidade da distribuição das riquezas naturais, da média de idades e da esperança média de vida à nascença, irá pôr novas questões com o reaparecimento de problemáticas consideradas dominadas, como é já exemplo a SIDA, cujo comportamento se assemelha às grandes epidemias de há um século.

O choque cultural condiciona vários tipos de confronto, de que resulta a solidão e o desenraizamento. É de esperar que as doenças do comportamento, as toximanias e os desvios psicosociais tomem grande expressão num futuro próximo. Uma investigação pluridisciplinar deve ser posta em prática, num modelo multicêntrico e traduzindo uma política científica supranacional, para encontrar soluções e ajudar a definir orientação.

Finalmente, as doenças degenerativas e a doença oncológica continuarão a dominar as preocupações dos Países mais desenvolvidos. O planeamento científico, nesta área, motivará progressos tecnológicos previsíveis, que irão contribuir para o envelhecimento de um número crescente de grupos populacionais.

O equilíbrio dinâmico dos arranjos multifactoriais que caracterizam os diversos tipos de sociedade, irá propôr prioridades na investigação que serão diferentes consoante o grau de desenvolvimento técnico e económico. Por isso, é uma abstracção definir políticas de investigação em Medicina e

Saúde em Portugal se elas se não integrarem num modelo de desenvolvimento que permita o aproveitamento das nossas potencialidades.

E, uma vez mais, só a participação de todos os nossos recursos permitirá que esforços, que nos serão impostos pelas condições de vida futura, possam ser aproveitados e rendibilizados.

Acredito que o inconformismo que levou os portugueses a libertarem-se do imobilismo, pela emigração, pela contestação e pela revolução, vai tornar-se mais acutilante quando consciencializarmos que, a dignidade do colectivo que constituímos, impõe que sejamos nós a decidir o que esperamos do Futuro.

E, então, a Investigação em Medicina e Saúde na nossa Terra, terá autenticidade que hoje não tem, porque se inscreverá no quadro das preocupações que nos dizem directamente respeito, como *POVO*. ■